

O Jornal Impresso em Sala de Aula: Mais que Ler a Palavra, Como Ser um Estímulo para a Leitura Crítica do Mundo?¹

Rafaela Bortolin PINHEIRO²
Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este texto tem como objeto de estudo o uso de jornais impressos em sala de aula. O objetivo geral é discutir a interface entre Comunicação e Educação de maneira a definir que características deve assumir o uso desse tipo de meio de comunicação para incentivar a leitura crítica da mídia e despertar a cidadania entre alunos e professores. Como aporte teórico, utilizamos Freire (1986, 1988, 1995, 2005), Gadotti (2007) e Martín-Barbero (1997, 2002). Escolhemos como método a dialética, seguindo o materialismo histórico e dialético a partir de Marx (1985; 1999) e Engels (2002). Entre as conclusões, destacamos a importância da formação de professores para o trabalho com jornal em sala de aula e as possibilidades lançadas pelo educador brasileiro Paulo Freire para uma leitura crítica dos meios na escola e uma educação cada vez mais criativa, questionadora e dialógica.

PALAVRAS-CHAVE: mídia na escola; Educomunicação; Paulo Freire; leitura crítica dos meios; formação de professores.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo o uso de jornal em sala de aula. O objetivo geral é discutir a interface entre Comunicação e Educação de maneira a definir que características deve assumir o uso desse tipo de meio de comunicação na escola para incentivar a leitura crítica³ da mídia impressa e despertar a cidadania entre alunos e professores.

Como objetivos específicos, determinamos: identificar como se desenvolvem as experiências com jornal impresso na escola no Brasil, analisar a importância da formação de professores para que esses profissionais usem o jornal em sua prática pedagógica e indicar possibilidades para uma prática mais dialógica, humana e crítica.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 - Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), com período sanduíche na Université de Fribourg (Suíça) e bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Mestre em Educação e graduada em Comunicação Social – Jornalismo também pela PUCPR. E-mail: rafaelabortolin@hotmail.com..

³ Como conceitua Gadotti (2007, p. 67-68), a leitura crítica é aquela em que o “leitor consegue identificar no texto o contexto, as raízes daquilo de que fala o texto. É o oposto da leitura ingênua ou superficial. [...] O leitor crítico precisa superar a primeira leitura, interpretativa e compreensiva, para relacioná-la com uma certa totalidade relativa a um contexto muito maior. Essa habilidade crítica depende, sempre, de muita leitura e de uma formação geral ampla. [...] A leitura é crítica quando conduz o leitor a mudar a sua prática, a assumir de outra forma sua postura diante do contexto, isto é, diante do mundo. Através da leitura crítica, o leitor consegue interrogar o mundo e desacomodá-lo”.

Para compor a presente pesquisa, foram utilizados como referencial teórico os seguintes autores: Faria (2003), Freire (1986, 1988, 1995, 2005), Gadotti (2007), Gaia (2001) e Martín-Barbero (1997, 2002). Para a análise, definimos como método a dialética, seguindo o materialismo histórico e dialético de Marx (1985; 1999) e Engels (2002).

De acordo com Dalla Costa (2008, p. 96), pesquisas no sentido de elucidar as relações entre a escola e os meios de comunicação vêm ganhando força e importância no Brasil porque

vivemos em uma sociedade determinada pela presença desses meios e tecnologias, que ditam opiniões, costumes, necessidades de consumo e modelos de felicidade e prazer. À escola – que prepara os indivíduos para serem autônomos e sujeitos ativos dessa sociedade – cabe inserir a discussão desses meios no seu cotidiano, que também é caracterizado pela maneira como alunos e professores recebem e interpretam as mensagens midiáticas.

Basicamente, a pesquisa está dividida em quatro partes principais. Primeiramente, por meio dos estudos realizados no campo da Educação e da Comunicação, buscamos compreender a aproximação possível – e, sem dúvidas, necessária – entre essas duas áreas e o espaço dos meios de comunicação na escola. Depois, apresentamos as possibilidades da utilização do jornal em sala de aula.

A partir disso, discutimos sobre a importância da formação de professores para o incentivo a um trabalho realmente transformador com o uso de mídia impressa na escola. Finalizamos este texto abordando a Pedagogia da Comunicação, segundo a perspectiva de Paulo Freire, e a importância do diálogo para despertar a cidadania, a leitura reflexiva e crítica dos meios de comunicação e promover uma educação mais participativa, criativa e questionadora.

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UM CAMINHO INTEGRADO

Na década de 1980, o pesquisador espanhol (radicado na Colômbia) Jesús Martín-Barbero trouxe uma nova percepção da Comunicação com o desenvolvimento dos *Estudos de Recepção*. Até então, as teorias concentravam suas atenções “no pólo da emissão e do conteúdo das mensagens. O receptor era ‘alguém’ que precisava ser alertado para se tornar crítico e ativo” (DALLA COSTA, 2008, p. 100).

Martín-Barbero (1997, p. 287) propõe uma análise tirando o foco exclusivamente do emissor e lançando um olhar para a Comunicação como “processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é

um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor”.

Com isso, a Comunicação se torna “um processo social compartilhado e mediado pelos meios de comunicação, mas não determinado só por eles” (SOUZA, 1999). Assim, o receptor é um sujeito que tem autonomia e interfere com suas próprias contribuições nas mensagens recebidas, no sentido de aceitá-las, construir suas próprias opiniões e modificá-las conforme seu repertório prévio de experiências. Isso se contrapõe à visão até então vigente de que quem recebe a mensagem é um sujeito acrítico, facilmente manipulado e que não tem participação ativa no processo comunicacional.

Como resume Martín-Barbero (2002, p. 55), tais análises comprovam a importância de se “estudar não o que fazem os meios com as pessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, o que elas fazem com os meios, sua leitura”.

Gadotti (2007, p. 7), explica que “educação e comunicação são processos inseparáveis e a relação entre eles é complexa”. Neste sentido, é possível verificar como o pensamento pedagógico, principalmente a partir das últimas décadas do século XX, “também tem operado com intuito de afirmar a ideia do deslocamento discursivo e dos fluxos comunicativos como requisitos para a afirmação do sujeito-educando” (CITELLI, 2004, p. 122).

O jornalista e pesquisador argentino Mario Kaplún (1999, p. 68), um dos pioneiros nos estudos sobre a integração entre Comunicação e Educação, conceitua que

a Comunicação Educativa abarca certamente o campo da mídia, mas não apenas esta área: abarca também, e em lugar privilegiado, o tipo de comunicação presente em todo processo educativo, seja ele realizado com ou sem o emprego de meios. Isso implica considerar a Comunicação não como um mero instrumento midiático e tecnológico, e sim, antes de tudo, como um componente pedagógico.

Trabalhar numa perspectiva de integração de Comunicação e Educação não se trata apenas de usar recursos provenientes da mídia na escola, mas efetivamente em integrá-los no processo educativo de maneira que tenham um papel importante no encaminhamento das aulas e na confirmação de uma dinâmica realmente dialógica entre professores e alunos.

No Brasil, o pesquisador Ismar de Oliveira Soares, da Universidade de São Paulo (USP), um dos autores nacionais de maior destaque sobre o assunto, lança mão da nomenclatura Educomunicação para se referir ao processo da associação entre Comunicação e Educação. Para ele,

educomunicação é o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar capacidade de expressão das pessoas (SOARES, 2002, p. 24).

Aprofundando, posteriormente, essa definição, Soares (2004) explica que a Educomunicação diz respeito a programas educacionais desenvolvidos por professores e outros líderes da comunidade onde a escola esteja situada que visem preparar os alunos para receber e analisar de maneira crítica as mensagens que recebem da mídia, assim como torná-los capazes de produzir manifestações de comunicação, como programas de rádio, jornais escolares ou reportagens televisivas, utilizando os recursos que têm à disposição na escola ou em sua comunidade.

Nesta perspectiva, Kaplún (1999, p. 73) relaciona que educar-se é participar de um processo formado por uma rede de múltiplos fluxos de comunicação e

não basta receber (ler ou ouvir) uma palavra para incorporá-la ao repertório pessoal; para que ocorra sua efetiva apropriação é preciso que o sujeito a use e a exercite, que a pronuncie, escreva, aplique. Esse exercício só pode dar-se na comunicação com outros sujeitos, escutando e lendo outros, falando e escrevendo para outros.

No Brasil, essa integração entre Educação e Comunicação é amplamente reforçada pelas análises do educador pernambucano Paulo Freire (1921-1997). Para ele, mais que alinhadas, essas duas áreas atuam de maneira sinérgica, já que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1988, p. 46).

A perspectiva freiriana é que Educação e Comunicação se constroem de maneira integrada, pois não existe educação sem diálogo. Por isso, Freire defendia que a educação para a mídia precisava se basear no estímulo ao pensar crítico e à curiosidade, cabendo à Educação oferecer um espaço de formação crítica para possibilitar que os sujeitos deixassem de lado a compreensão ingênua das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação e pudessem exercer, de maneira plena e consciente, sua cidadania.

O JORNAL IMPRESSO EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES E LIMITES

A partir da perspectiva da integração entre Educação e Comunicação, observamos uma variedade de ações que podem ser implementadas na escola no sentido de aproximar alunos e professores das informações publicadas na mídia. Entre as principais, está o uso de

jornal impresso em sala de aula, uma iniciativa que visa incluir ações envolvendo a leitura e a produção de atividades a partir do contato dos estudantes e dos docentes com edições de periódicos impressos.

Gadotti (2007, p. 7) destaca que, na última década, as discussões sobre o uso do jornal na escola vêm se ampliando, um reflexo da preocupação cada vez maior com a formação do leitor jovem:

de um lado, os sistemas incluem em seu currículo a leitura de jornais como forma de ‘construção’ do conhecimento; de outro, os jornais vêm publicando suplementos que são distribuídos nas escolas. Grupos especializados sobre a relação entre a escola e os jornais estão se formando nas editorias dos jornais, pelo menos nos grandes centros do país.

Nesta perspectiva, o jornal passa a fazer parte da rotina da escola como um recurso que motiva a ampliação do diálogo entre alunos e professores, mas não deve ser considerado o centro de todo o processo educativo. O traço fundamental da iniciativa de levar os jornais para sala de aula precisa ser a de utilizá-los como gatilho para o desenvolvimento da comunicação entre os sujeitos e a elaboração de uma leitura crítica e criteriosa do que é publicado.

Além disso, essa seria uma forma de oferecer a estudantes e docentes que não têm contato frequente com a mídia impressa – seja pela falta de hábito, de gosto ou de recursos para comprar exemplares de jornais frequentemente –, a oportunidade de ler as notícias e analisar a forma como as informações são transmitidas.

No entanto, em um levantamento junto a 15 escolas brasileiras, com 1125 aulas observadas, Citelli (2000) concluiu que, no Brasil, havia poucos trabalhos envolvendo jornais impressos nas aulas e, em geral, eles se concentravam em atividades de *recorte e cole*. “Em regra, constituem-se como atividades mecânicas. Quase sempre não se cobra do aluno nem mesmo o entendimento do que supostamente leu e o trabalho redundava numa representação muda de recortes de gravuras e textos” (CITELLI, 2000, p. 81).

O autor verificou que, durante as aulas, não havia uma preocupação em fazer uma discussão prévia sobre os temas abordados pelos jornais ou incentivar comentários por parte dos alunos, o que tornava o uso do impresso apenas um momento isolado, sem perspectivas de despertar diálogo, crítica e criatividade.

Gaia (2001) destaca que, ao optar por utilizar o jornal em suas aulas, o professor tem a oportunidade de trabalhar com temas diversificados, publicados nas diferentes editorias que compõem cada edição deste tipo de mídia, de maneira que pode desenvolver suas aulas

no sentido de contemplar discussões atualizadas e que dizem respeito à comunidade e à sociedade onde os sujeitos estão inseridos.

Isso amplia sua sensibilidade para a realidade na qual estão inseridos, como aponta Cavalcante (1999, p. 33): «quando trabalhamos com o jornal em sala de aula, [...] estamos assumindo uma postura efetivamente dinâmica, dando possibilidade ao educando de interagir com o seu momento histórico-social».

Porém, Gaia (2001) alerta que tanto os professores quanto os alunos precisam fugir do hábito de somente buscar assuntos atuais e fazer uma leitura superficial dos fatos, se propondo sempre a fazer da matéria jornalística o ponto de partida de uma discussão sobre cidadania e a importância da conscientização dos sujeitos quanto ao seu papel como agentes ativos dentro da sociedade.

Mais que ler sobre a realidade a partir dos jornais, os sujeitos precisam se sentir como parte desse contexto. O resultado disso, de acordo com a análise de Faria (2003, p. 11) é que, “se a leitura do jornal for bem conduzida, ela prepara leitores experientes e críticos para desempenhar bem seu papel na sociedade”.

Cavalcante (1999, p. 44) vai além e pontua que a leitura frequente e crítica do jornal costuma despertar a

necessidade de se comentar os fatos, de se opinar, trocar ideias, refletir e abrir-se para discussões. É algo que, fundamentalmente, passa pela formação de cidadania estimulando o sentimento de pertença àquilo que se lê. Ler uma notícia ou matéria de jornal é também poder olhar um pouco para si mesmo.

Segundo um estudo apresentado por Pavani (2003), cerca de 57% dos professores entrevistados entendia que o jornal tornava os alunos mais críticos em relação ao que chegava ao seu conhecimento e eles se tornavam mais participativos em relação à leitura (PAVANI, 2003).

Para que o trabalho com o jornal seja proveitoso dentro do ambiente escolar – e gere resultados no cotidiano desses sujeitos fora da escola –, é preciso que professores e alunos desenvolvam a leitura dos textos de maneira a irem além do que é publicado e consigam extrair todas as minúcias de linguagem e sentidos embutidos na forma como as matérias são publicadas.

Como explica Gadotti (2007, p. 40), ao contrário do contato com a TV, “a leitura de jornais e de revistas exige a participação ativa do leitor. Daí a necessidade de formá-lo. O leitor não pode ser um mero espectador. Ele deve saber o que ler, como ler, o que destacar”.

Nesse sentido, é preciso despertar nos alunos a noção de que o contato com o jornal não pode parar na leitura ingênua dos textos e imagens e que eles precisam ir além, compreendendo que o ângulo e o recorte das fotos também passa uma mensagem, que a escolha das palavras e imagens de uma página não é aleatória e sempre tem um sentido, que o espaço dado a cada matéria leva em conta um julgamento feito pelos profissionais das empresas jornalísticas sobre sua relevância e que cada elemento que forma uma página tem um motivo.

Da mesma forma, o leitor de jornal deve estar consciente de que o contato com o texto também passa por sua interpretação e que essa pessoa vai, durante a leitura, imprimindo suas próprias ideias e opiniões, expectativas, representações e conhecimentos prévios sobre o assunto.

Considerando o uso do jornal como uma forma de despertar o senso crítico de alunos e professores, Gadotti (2007, p. 30) observa que os jornais trabalhados na escola “[...] devem ser variados e bem escritos para que os alunos e os professores aprendam a gostar da leitura e da escrita”.

O autor (2007, p. 32) ainda ressalta que

não se pode separar o leitor do escritor. Ler e escrever são atos complementares. As escolas podem produzir jornais não só sobre os assuntos do seu dia-a-dia, mas sobre assuntos gerais. [...] A escola deve ser um espaço de produção jornalística. As escolas não podem ser meras receptoras, mas devem ser emissores de sua voz.

Assim, o uso de jornais em sala de aula se mostra como uma forma de incentivar a leitura entre os alunos e professores, podendo ser altamente positivo no sentido de gerar discussões sobre a mídia no ambiente escolar, incentivar a leitura, diversificar o trabalho dos docentes e trabalhar com a contextualização dos assuntos durante as aulas.

Essa é uma forma ainda de possibilitar aos alunos contato com uma linguagem diferente daquela encontrada nos livros didáticos, contextualizar seus conhecimentos, desenvolver uma leitura crítica das informações publicadas e realmente promover a produção de conteúdos por parte de alunos e professores.

USAR O JORNAL EM SALA DE AULA: SIM, MAS COMO? O PAPEL DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A inclusão de atividades pedagógicas durante as aulas a partir das matérias e fotos provenientes de publicações jornalísticas é um desafio cada vez mais presente no cotidiano

dos docentes, como forma de trazer alternativas que variem e potencializem o processo de ensino-aprendizagem entre alunos e professores.

Porém, Faria (2003, p. 13) alerta que nas últimas décadas “setores da educação têm recomendado que os professores utilizem o jornal na sala de aula, sem, entretanto, lhes apontar instrumentos pedagógicos eficazes para que possam ter êxito em seu dia a dia profissional”.

É nítido como a atuação dos professores não pode ser ignorada nessa dinâmica de fortalecimento da Educação para a comunicação, já que esses profissionais têm a capacidade de catalisar e potencializar os resultados dessas atividades entre os alunos.

Como comenta Molina (1992), ao se incentivar a leitura entre os estudantes, outros objetivos são diretamente atingidos, como a melhora da condição de leitor do próprio professor, na medida de sua necessidade de se preparar e acompanhar seus alunos, mudando a relação professor-aluno de uma tendência unilateral para uma ação compartilhada na busca pelo conhecimento.

De acordo com Freire (1995, p. 37), esse estímulo é imprescindível, já que,

se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto de leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever.

Por isso, qualquer tipo de capacitação oferecida aos docentes para o uso do jornal em sala de aula precisa necessariamente passar por um despertar e uma valorização da leitura crítica entre os professores.

Um ponto a ser observado é o de que o docente só conseguirá formar alunos que gostem de ler os jornais criticamente, se efetivamente ele for um leitor crítico de jornais. Freire (2003, p. 95) reforça essa importância quando afirma: “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei”.

Mais que comentar sobre a importância da leitura, o professor precisa mostrar às crianças e adolescentes no dia-a-dia como os impressos podem ser ferramentas válidas para a ampliação de suas experiências e construção de seu conhecimento.

Anhussi (2009), em seu estudo sobre as concepções dos professores sobre a relevância do uso do jornal em sala de aula, explica que a formação dos docentes é um ponto importante no sentido de esclarecê-los sobre as características dos jornais e como

deve ser o trabalho em sala de aula de maneira que seja instigada uma leitura crítica das matérias.

O tempo passou e o uso das informações jornalísticas ainda não teve tantas mudanças significativas, pois elas continuam a ser tratadas nos cursos de formação para professores de forma superficial. É preciso organizar melhor o debate, pois sabemos que muitos professores que estão dentro das salas de aulas não foram formados e nem preparados para utilizar as mídias nas escolas. Faz-se necessário além de incluir os jornais impressos e os digitais na educação, fornecer ao educador acompanhamento e uma formação continuada (ANHUSSI, 2009, p. 48).

Por isso, é necessário refletir sobre a maneira como os professores se preparam para as aulas com jornais e se, a partir disso, esses docentes passam a ter – ou ampliam – o gosto por ler jornais, se também se propõem a fazer exercícios de reflexão sobre os assuntos e se consideram que esse trabalho com notícias é uma forma de constantemente reformular seus conhecimentos e, assim como os alunos, aprender a cada nova atividade.

É preciso também que os docentes se sintam incentivados pela equipe de coordenação e direção da escola onde atuam, de maneira que notem uma valorização de seu trabalho utilizando o jornal como um diferencial bem-vindo em sua atuação em sala de aula.

Por isso, é fundamental que sejam oferecidos aos professores eventos de capacitação e discussão dos planos de trabalho com o jornal, possibilitando maior segurança em relação ao modo como podem usar esse recurso em sala de aula, conhecer quais as potencialidades e limites desse trabalho e de que maneira é possível obter resultados positivos com essas ações.

Principalmente, os professores precisam ter um espaço para refletir sobre o possível incentivo que o trabalho com a mídia impressa pode gerar com vistas à leitura crítica, ao uso eficiente de uma nova plataforma de leitura dentro da escola e ao estímulo à participação cidadã e transformadora de alunos e docentes na comunidade na qual estão inseridas.

Sobre isso, Anhussi (2009, p. 132-133) aponta que é urgente

a necessidade de os cursos de formação inicial de professores (licenciaturas, no geral, de todas as modalidades) incluírem em seus currículos disciplinas que preparem para a utilização das informações jornalísticas impressas ou digitais em sala de aula, devido a sua relevância para o ensino e aprendizado de leitura crítica das mídias. E aos professores que não tiveram a possibilidade de ter tais informações nos cursos de formação inicial, que a Secretaria de Educação possa disponibilizar tais conhecimentos nos cursos de formação continuada.

Neste sentido, dois pontos são fundamentais para fortalecer o trabalho com o jornal impresso em sala de aula. O primeiro é esclarecer entre alunos e professores que a *leitura ingênua* dos meios não é capaz de gerar um trabalho realmente consistente e só a partir da crítica, do questionamento e da pesquisa por novas informações é possível definirmos uma verdadeira Educação para a comunicação.

Outro ponto importante é que, a partir da leitura do jornal em sala de aula, os professores desenvolvam atividades que estimulem os alunos a serem igualmente produtores de conhecimento, atuando no sentido de formar recursos de comunicação próprios, nos quais estudantes e docentes trabalhem em conjunto para retratar sua realidade e sua própria visão dos fatos que acontecem em sua comunidade.

Como pontua Kaplún (1999, p. 73), “em lugar de confiná-los [os alunos] a um mero papel de receptores, é preciso criar as condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias [...]”.

JORNAL NA ESCOLA: MAIS QUE LER A PALAVRA, COMO ESTIMULAR A LEITURA CRÍTICA DO MUNDO?

Como ressalta Gaia (2001, p. 33), quando se propõe a trabalhar em uma perspectiva educ comunicativa, é preciso que a escola não perca de vista a análise crítica dos processos de comunicação e, principalmente, não deixe de lado o próprio processo de comunicação entre alunos e professores, porque “introduzir diferentes tipos de mídia em sala de aula não significa necessariamente abrir espaço ao diálogo”.

As práticas só podem ser consideradas educ comunicativas quando inseridas em um processo em que os alunos se sintam instigados a questionar, de maneira aprofundada e crítica, todo o conteúdo publicado pela mídia, formando suas próprias opiniões, conceitos e representações sobre a realidade do mundo que os cercam.

Entre os desafios dessa conciliação, Martín-Barbero (2002) aponta que é importante que Comunicação e Educação não sejam reduzidas à utilização meramente instrumental das mídias dentro do ambiente escolar. A partir do uso desses meios, a escola precisa proporcionar aos estudantes a oportunidade de ter múltiplas experiências no sentido de despertar a relevância do ato de se pensar e analisar criticamente os fatos e como eles são reportados pelos jornais, sites e noticiários de TV e de rádio.

De acordo com Baccega (2003, p. 61), é preciso “saber ler criticamente os meios de comunicação para conseguirmos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entrega

pronto, editado, à construção do mundo que permite a todos o pleno exercício da cidadania”.

Ao assumir essa postura de manter uma Educação fundamentada no diálogo e no contato analítico e crítico dos meios de comunicação, a escola se posiciona como um espaço de valorização das experiências, opiniões e conhecimentos que cada sujeito traz para contribuir com as aulas.

Assim, Educação e Comunicação estabelecem um caminho conjunto no sentido de despertar o senso crítico e a leitura responsável e consciente dos meios. Como pontua Freire (1986, p. 11-22),

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Por isso, a interação entre Comunicação e Educação a partir do uso de jornal na escola precisa estar fundamentada na discussão da mídia, incentivo aos sujeitos para que produzam conteúdo para desenvolvimento de seus próprios meios de comunicação (um jornal escolar ou um programa de rádio-escola, por exemplo) e a valorização do diálogo entre educandos e educadores – e deles com a sociedade –, de maneira a preparar os alunos para se relacionarem, receberem e compreenderem as informações provenientes dos meios de comunicação de uma forma crítica e consciente.

Neste sentido, Kaplún (1999, p. 74) aponta que

no que diz respeito ao emprego de meios na educação, bem-vindos sejam, desde que sejam aplicados crítica e criativamente, a serviço de um projeto pedagógico, ultrapassando a mera racionalidade tecnológica; como meios de comunicação e não de simples transmissão; como promotores do diálogo e da participação; para gerar e potencializar novos emissores mais que para continuar fazendo crescer a multidão de receptores passivos.

Para isso, ressaltamos a importância dos estudos de Paulo Freire de maneira a fundamentar uma Pedagogia da Comunicação – nomenclatura utilizada por Marques de Melo (1985, 1998) –, baseada na comunicação e no diálogo, que incentiva a criatividade e supera o modelo do professor-transmissor de conhecimento e do aluno como receptáculo passivo de informações.

Para Freire (2011, p. 51), “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”.

É importante que o uso de jornal em sala de aula seja um ponto de partida para o despertar da cidadania entre os sujeitos, sendo uma maneira de mantê-los atualizados sobre o que acontece ao seu redor e ajudá-los na tomada de decisões a partir da análise, crítica e avaliação das informações divulgadas pela mídia.

Assim, o trabalho em sala de aula se torna uma forma de, muito além de promover a leitura da palavra, incentivar que alunos e professores sejam capazes de ler o mundo e como estão inseridos nele, da maneira como propunha Freire (1986).

Freire (2014) defendia ainda que, em relação à mídia, a Educação precisava se basear no estímulo ao pensar crítico e à curiosidade, oferecendo um espaço de formação crítica para possibilitar que os sujeitos deixassem de lado a compreensão ingênua das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação e pudessem exercer, de maneira plena e consciente, sua cidadania.

Neste sentido, Freire reforça a importância de os sujeitos superarem a visão ingênua de uma pressuposta neutralidade da mídia e, a partir da leitura criteriosa e crítica dos meios, desenvolver sua conscientização a partir do que é transmitido.

Uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas, por exemplo, que lhe põem no caminho as ideologias. As ideologias veiculadas de forma sutil pelos instrumentos chamados de comunicação. Minha briga, por isso mesmo, é pelo aumento de criticidade com que nos podemos defender desta força alienante. Esta continua sendo uma tarefa fundamental de prática educativo-democrática (FREIRE, 2014, p. 124).

Ou seja: é necessário trabalhar em prol de uma visão problematizadora, não só sobre os meios, mas em relação à Educação e, de maneira geral, sobre o mundo. Esse é um passo crucial para que o povo possa desenvolver “[...] o seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ao ouvir o noticiário das emissoras de rádio, o faça não como mero paciente, como objeto dos ‘comunicados’ que lhes prescrevem, mas como uma consciência que precisa libertar-se” (FREIRE, 2005, p. 137).

Trabalhar com a mídia em sala de aula, neste contexto, se torna uma maneira de oferecer a alunos e professores a possibilidade de identificar, entre a infinidade de conteúdos publicados diariamente, o que é confiável, o que pode ser visto como relevante e que meios valem a pena de serem lidos, vistos ou ouvidos.

Na escola, isso exige ações que reforcem o papel participativo dos sujeitos e valorizem a colaboração entre eles. Ou seja: esse novo panorama envolve não só que alunos e professores tenham contato com a mídia, mas promovam discussões sobre o que viram, quais foram suas conclusões, troquem impressões sobre os textos, imagens e enfoques das matérias e compartilhem as várias interpretações possíveis que podem ser realizadas com o contato com as informações publicadas.

Além da discussão crítica, do debate de ideias e da análise das informações, a escola precisa ser um espaço em que alunos e professores desenvolvem um processo de contínuo questionamento, seja do que é publicado pelos meios, como também acerca de suas próprias opiniões e representações sobre o noticiado, de maneira a se sentirem instigados a se reconhecerem como cidadãos e participarem de maneira ativa na sociedade a partir de sua ação transformadora sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que, na perspectiva de conciliação entre a escola e o trabalho com as mídias, os meios não substituem a escola ou mesmo a ação do professor. Neste sentido, há uma complementação entre eles e a ação docente nas aulas, utilizando a mídia como ponto de partida e recurso de diversificação dos assuntos tratados.

Por isso, se torna fundamental que a recepção de textos e imagens que compõem os jornais impressos seja feita de maneira crítica, envolvendo análises e considerações por parte dos alunos, de maneira a tornar o trabalho realmente proveitoso no sentido de criar uma leitura crítica, fundamentada e consciente dos meios.

Para isso, é necessária uma forte ênfase na capacitação dos professores para o trabalho com as mídias – e, de maneira ainda mais abrangente, – com a Comunicação na escola. De maneira geral, cada professor precisa se sentir estimulado, durante a capacitação, a se tornar um leitor frequente e crítico dos jornais e se sinta capaz de desenvolver seu próprio planejamento das ações a partir das características de sua turma, a escola onde leciona e os recursos e o tempo que têm à disposição.

Se não conhece o jornal, provavelmente o professor não sente segurança para levá-lo para a escola ou não têm motivação para desenvolver atividades diferentes do habitual por não ter noção dos recursos que compõem a publicação e como eles podem ser usados.

Por si só, o jornal não ensina nada, não produz conhecimento e sua leitura, sem qualquer análise ou discussão, não é garantia de que o aluno esteja aprendendo. Nesse

sentido, o trabalho do professor é o diferencial para que a leitura de matérias, fotos, infográficos e demais elementos que formam uma edição do jornal seja proveitoso no sentido de despertar o senso crítico, a reflexão, a criatividade, a análise e os questionamentos entre os alunos, servindo como ponto de partida para que os próprios estudantes e docentes se tornem produtores de conteúdos.

Por isso, nota-se a importância de se pensar tanto a Educação quanto a Comunicação na perspectiva freiriana, ou seja, um processo determinado pelo diálogo profundo e amoroso entre alunos, professores, sociedade e mídia. Tudo isso no sentido de desenvolver uma educação participativa, criativa, questionadora e dialógica, voltada para a reflexão, crítica, cidadania, democracia e participação do sujeito como agente ativo na construção e modificação da realidade da qual faz parte.

REFERÊNCIAS

- ANHUSSI, E. C. **O uso do jornal em sala de aula: sua relevância e concepções de professores.** 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2009.
- BACCEGA, M. A. Linguagens da comunicação. In: SOARES, I. O. **Caminhos da educomunicação.** 2. ed. São Paulo: Salesiana, 2003. (Cadernos de educomunicação ; 1) p. 53-62.
- CAVALCANTE, J. **O jornal como proposta pedagógica.** São Paulo: Paulus, 1999.
- CITELLI, A. **Aprender e ensinar com textos não escolares.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CITELLI, A. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento.** 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.
- DALLA COSTA, R. M. C. Estudos de recepção: uma metodologia de análise dos meios de comunicação e a cultura escolar. In: SCHMIDT, D.; GARCIA, T. M. F. B.; HORN, G. B. **Diálogos e perspectivas de investigação.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2008.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FARIA, M. A. **Como usar o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?.** 9ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GADOTTI, M. **O jornal na escola e a formação de leitores**. Brasília: Liber Livro, 2007.
- GAIA, R. V. **Educomunicação e Mídias**. Maceió: Edufal, 2001.
- KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 14, p. 68-75, jan./abr. 1999.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARTIN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, M. W. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 39-68.
- MARQUES DE MELO, J. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- MARQUES DE MELO, J. **Teoria da comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, K. **Para a crítica da economia política**; Do capital; O rendimento e suas fontes. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores)
- MOLINA, O. **Ler para aprender**: desenvolvimento de habilidades de estudo. São Paulo: EPU, 1992.
- SOARES, I. O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 23, p. 16-25, jan./abr. 2002.
- SOUZA, M. W. Comunicação e educação: entre meios e mediações. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 106, p. 9-25, mar. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n106/n106a01.pdf>>. Acesso em: 15 mar 2012.